



FILOSOFIA E LITERATURA EM UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR

PHILOSOPHY AND LITERATURE IN AN INTERDISCIPLINARY APPROACH

Luis Fernando Lima e Silva¹
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resumo: Pretende-se, com este artigo, refletir sobre a importância da interdisciplinaridade, assim como também, apresentar uma prática de ensino que privilegia a intersecção entre filosofia e a literatura. Este estudo é resultado de uma prática e reflexão sobre a prática, na aula de filosofia do 1º ano do ensino médio de um colégio público da rede estadual de São Paulo. A partir da leitura de textos literários, pesquisa de conceitos filosóficos e mediação do professor, verificou-se, no resultado da prática, um profícuo diálogo entre a leitura literária e a leitura filosófica, do ponto de vista interpretativo, analítico e crítico, fomentando a compreensão da importância na integração das disciplinas curriculares como algo necessário à diminuição da fragmentação dos saberes.

Palavras-chave: Filosofia; Literatura; Ensino; Interdisciplinaridade.

Abstract: The aim of this paper is to reflect about the importance of interdisciplinarity, as much as to present a teaching practice that privileges the meetings between Philosophy and Literature. This study is the result of a practice and its reflection on Philosophy's classes for the first year of a public high school in São Paulo. From the reading of some literature texts, some research on Philosophical concepts and the teacher's mediation, we reached a productive dialogue between the literature reading and the philosophical reading on an interpretative, analytical and critical point of view, leading to the understanding of the importance of curricular subject's integration as such fundamental as the reduction of the fragmentation of knowledge.

Keywords: Philosophy; Literature; Teaching; Interdisciplinary.

INTRODUÇÃO

Uma de nossas vitórias mais recentes é a de ter a disciplina de Filosofia como componente curricular obrigatório na educação básica. Contudo, se faz necessária uma constante reflexão sobre as maneiras pelas quais podemos tornar realizável o ensino dessa disciplina de maneira significativa, para que assim ela venha contribuir efetivamente para a

¹ Mestrando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica - PUC/SP, Especialista em ensino de Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, Licenciado em filosofia e professor de filosofia na educação básica desde 2013.

formação dos alunos, e esses possam exercer conscientemente sua cidadania, conforme indicado no art. 36º §1 inciso III da LDB de 1996.

A Filosofia, enquanto disciplina curricular, tende a ser interpretada como um conjunto de doutrinas consolidadas pela tradição do pensamento filosófico, que em seus fundamentos trazem em si verdades que induzem ou conduzem os alunos a um determinado ponto de vista ou interpretação do mundo. Todavia, percebemos que a filosofia, antes de mais nada, busca apresentar a pluralidade de “verdades” disponíveis pela tradição, problematizando-as e identificando nessas as possibilidades de interpretação do mundo.

Tendo como referencial os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, é entendida a concepção de interdisciplinaridade como elemento a ser privilegiado no ensino de filosofia, tal qual é proposto no documento oficial, a saber, na Resolução 03/98, no§ 2o, alínea b do Artigo 10 – “*As propostas pedagógicas das escolas deverão assegurar tratamento interdisciplinar e contextualizado para os conhecimentos de filosofia*” (BRASIL, 1998 p.46).

Com isso, neste estudo, a interdisciplinaridade é contemplada como eixo norteador entre a filosofia e a literatura, com o objetivo de assumir a importância de uma transposição da fragmentação curricular em práticas didáticas integradoras. Para tal, é proposta uma reflexão sobre as necessidades e dificuldades envolvidas neste processo, assim como também, apresenta-se um estudo de caso, no qual são observados os desdobramentos decorrentes dessa prática pedagógica.

OPÇÃO PELA INTERDISCIPLINARIDADE

Após a incorporação das disciplinas de Filosofia e Sociologia no currículo escolar da educação básica em 2008, preocupações didáticas e metodológicas emergiram. Entre elas, uma preocupação com a formação dos professores de filosofia, uma vez que o ensino de filosofia estava, há muito tempo, distante da realidade escolar a nível médio, sendo necessário pensar o ensino da disciplina nesse novo contexto.

Um pressuposto de trabalho é um ensino de filosofia com aprendizagem mais significativa. Nesse sentido, no âmbito pedagógico, surge uma concepção metodológica

centrada em competências e habilidades, conforme indicado nas Orientações Curriculares Nacionais – OCN (BRASIL, 2006, p.33).

Essa proposta metodológica visa preparar o aluno para a vida, na qual o saber escolar se relaciona com o cotidiano do aluno, ou seja, é uma prática que não é centrada no conhecimento pelo conhecimento, mas sim, na transposição do conhecimento de maneira eficaz, como um conhecimento necessário ao exercício da cidadania, tal qual é apontado na LDB de 1996 no Art. 36º §1 inciso III.

Assim, entendemos que a filosofia visa contribuir para formação do aluno na dimensão metodológica, humanística e social, dadas as especificidades tomadas pela mesma, que em sentido estrutural, constitui-se na aquisição de conhecimento formal em leitura, interpretação e produção textual.

Podemos considerar então que, para o desenvolvimento de tais habilidades e competências, deve-se valorizar o texto filosófico, cujo sentido está enraizado em sua construção, na linguagem em que é expresso e nos conceitos que nela se apresentam.

A filosofia possui uma estrutura curricular parecida com as demais disciplinas, o que a consolida enquanto disciplina, visto que na atividade filosófica, propriamente dita, verifica-se que a mesma se constitui de especificidades, como leitura, análise, produções textuais, argumentação, problematizações e outros. Essas são consideradas como pertencentes a este campo de conhecimento, assim, são atividades que devem fazer parte da prática de ensino dessa disciplina, pois caracterizam sua especificidade, evidenciado inclusive nas OCN – Orientações Curriculares nacionais.

Além disso, a filosofia estabelece uma relação muito íntima com as demais ciências, conforme aponta Maugué:

No conjunto dos conhecimentos humanos a posição do ensino de filosofia é ao mesmo tempo extremamente humilde e extremamente orgulhosa. É muito humilde, pois o estudo da filosofia só vem depois das outras ciências. Seria absurdo imaginar que este ensino pudesse precede-las. É necessário primeiro que a inteligência se tenha exercido, para que tenha dado resultados concretos, que se tenha, por assim dizer, verificado pelos seus próprios sucessos, para que, depois disso, se possa voltar sobre si mesma. É através de outras ciências, das matemáticas, da física ou de outras artes, da pintura, da música, que a filosofia se exercerá (MAUGUÉ, 1955, p.2).

A partir das considerações tomadas anteriormente sobre a atividade filosófica e sua relação intrínseca com outros saberes, seria inequívoco considerar que a interdisciplinaridade, enquanto abordagem que tende à integração de várias áreas do conhecimento, se coloca como elemento importante ao tratamento filosófico, do ponto de vista educacional.

Contudo, como nos diz Silva (1992) “*a filosofia se insere numa situação educacional caracterizada, pois, pela ausência de articulação curricular, seja do ponto de vista intradisciplinar, seja da perspectiva interdisciplinar*”. Tal afirmação reforça que, embora a disciplina de filosofia tenha potencial integrador de várias áreas do conhecimento, seu ensino ainda se dá em um contexto educacional marcado por um grau de especialização e fragmentação de saberes.

Ainda assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio indicam claramente a interdisciplinaridade deve ser contemplada em toda formação curricular; sobretudo no modo como devem ser tratados os conhecimentos filosóficos, conforme indicado expressamente na Resolução 03/98, a saber, no § 2º, alínea b do Artigo 10 (BRASIL, 1998 p.46), o que induz a uma necessária reflexão sobre os modos de efetivação de uma prática interdisciplinar, no ensino de filosofia.

O PAPEL DA LEITURA NA CONSTITUIÇÃO DE UM SABER FILOSÓFICO

O trabalho filosófico está associado à leitura, análise e reflexão sobre os principais problemas filosóficos de maneira contextualizada, assim como também ao conhecimento da tradição filosófica, como um pré-requisito para o desenvolvimento das habilidades citadas anteriormente. Segundo Favaretto (2014), tanto a atitude filosófica quanto o trabalho filosófico não devem ser dissociados no processo de ensino de filosofia, pois ambas são necessárias.

Como já dito anteriormente, as OCN – Orientações Curriculares Nacionais ressaltam a importância da leitura filosófica, como uma das condições para a apropriação das competências do fazer específico da filosofia. Favaretto, no texto *Notas Sobre o Ensino de Filosofia* (1995), reitera tal orientação ao dizer:

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Qualquer que seja o programa escolhido, não se pode esquecer que a leitura filosófica retém o essencial da atividade filosófica. É preciso acentuar, entretanto, que uma leitura não é filosófica apenas porque os textos são filosóficos; pode-se ler textos filosóficos sem filosofar e ler textos artísticos, políticos, jornalísticos, etc. filosoficamente. A leitura filosófica não se esgota na simples aplicação de metodologias de leitura; ela é um “exercício de escuta” (no sentido psicanalítico). O texto fala a partir da relação que se estabelece com ele: o que há nele, a linguagem nele articulada, não se manifesta senão quando a leitura funciona como elaboração, desdobrando os pressupostos e subentendidos do texto (FAVARETTO, 1995, p.80).

Com isso, percebemos a necessidade de encontrar no aluno de ensino médio, habilidades de decodificação de signos e representações linguísticas, as quais deveriam ser desenvolvidas em anos anteriores. Contudo, em muitos casos, o aluno que chega ao ensino médio e não possui habilidades mínimas para a leitura e interpretação de textos, habilidades necessárias para a *leitura filosófica*.

Dada a importância da prática leitora para a filosofia, caberá discutirmos mais adiante, os meios de inseri-la de modo significativo nas aulas de filosofia, entendendo essa prática como algo pertencente ao campo da experiência formadora do aluno.

NOTAS SOBRE A EXPERIÊNCIA LEITORA

A leitura como a capacidade de interpretação de um conjunto de informações – uma prática de decodificação de signos e símbolos, que possibilita a comunicação, interação, informação e relação entre os indivíduos – não pode ser reduzida apenas a palavra escrita, pois as imagens também comunicam, expressam uma ideia ou intenção compreensível ao outro.

Nesse sentido, é necessário pensar meios de tornar essa leitura significativa ao educando, buscando transcender ao caráter meramente informativo ou ilustrativo da leitura, pois ter acesso à leitura de um texto escrito ou à leitura de uma imagem não a torna por si só já significativa. Somente se torna significativo aquilo que nos marca, que deixa algum registro em nós, que possui algum valor ou sentido. Assim, uma experiência leitora que não nos marca não é significativa, pois será esquecida com facilidade.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Tendo como pressuposto a ideia de que a leitura deve ser uma experiência significativa, tomaremos aqui o cuidado de evidenciar o valor da experiência, que segundo Larrosa (2011), é uma condição necessária para a formação e transformação do indivíduo.

No texto *“Experiência e Alteridade em Educação”* (2010), Larrosa desenvolve uma reflexão sobre a importância da experiência, na qual lhe é atribuída o caráter “daquilo que nos passa”, ou seja, um acontecimento independente e exterior a nós, mas que possui um lugar de importância, pois se passa em nós.

Com isso, podemos entender a experiência como sendo um acontecimento externo ao sujeito do conhecimento e que se passa nele, em um movimento contínuo de ida e volta, na medida em que o sujeito vai de encontro ao acontecimento e este na sequência o afeta, ocasionando o que entendemos por experiência.

É importante destacar nesse ponto, que a experiência é sempre singular, e é nessa singularidade subjetiva que se dá seu caráter transformador e formador, naquele que é sujeito da experiência.

Pensar a leitura como formação implica pensa-la como atividade que tem a ver com a subjetividade do leitor: não só com o que o leitor sabe, mas, com o que ele é. Trata-se de pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos deforma ou nos trans-forma), como algo que nos constitui ou nos põe em questão daquilo que somos. A leitura, portanto, não é só passatempo, um mecanismo de fuga do mundo real e do eu real. E não se reduz tampouco a um meio para adquirir conhecimentos (LARROSA, 2011, p. 34).

Podemos entender então que a experiência leitora acomete o sujeito, enquanto acontecimento, assumindo uma dimensão que vai além da compreensão meramente estrutural da organização linguística, ou seja, deixa de ser apenas informação.

A experiência leitora, como princípio significativo ao entendimento e apreensão de uma determinada ideia, situação ou acontecimento nos direciona a uma prática de leitura que se realiza em sua totalidade reflexiva, ou seja, uma apropriação daquilo que é dito ou expresso.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Ressaltamos então a importância da relação do leitor com o texto, ou a experiência promovida pela leitura, dada a subjetividade, flexibilidade e transformação resultante dela.

No que diz respeito à prática leitora no ensino de filosofia, é consenso que a mesma deve ter como objetivo promover uma reflexão nos alunos. Contudo, cabe ao professor da disciplina considerar a importância de uma leitura reflexiva e significativa quando seleciona o material que será adotado nas aulas, tendo em vista que o mesmo deverá promover uma *experiência* leitora significativa no aluno.

Essa postura didática aproveita-se do caráter atribuído à experiência para despertar no aluno a consciência de si próprio enquanto indivíduo, considerando que o mesmo, no ensino médio, está em processo de reconhecimento de si, como pessoa no mundo, sendo possível utilizar-se da experiência como pertencente ao processo de interrogante de emancipação do aluno.

O papel do professor de filosofia em sala de aula, portanto, é potencializar e estimular as interrogações já naturais no processo de amadurecimento do aluno, a fim de despertar o senso de criticidade e articulação do aluno com o mundo.

Embora a filosofia clássica tenda a buscar verdades que sejam independentes da experiência, produzindo ideias claras e distintas, o que se pretende com essa prática didática, pautada na experiência subjetiva do aluno, é resgatar o valor da experiência como sendo condição de possibilidade de aquisição de conhecimento significativo por meio da leitura.

Adotando uma linguagem da experiência como via de aquisição de conhecimento no ensino de filosofia, é buscado evidenciar o caráter da dúvida, da incerteza, da busca pelo conhecimento, ou seja, adentrar um campo fértil onde se pode dar o desenvolvimento reflexivo do aluno, pois é na experiência que se desdobra a pluralidade, “a experiência produz pluralidade” LARROSA (2011), fazendo com que ele se depare não com uma filosofia, mas sim, as filosofias² existentes.

² No texto “A Filosofia e seu Ensino” (1995), Favaretto nos atenta ao fato de que no contexto contemporâneo seja mais adequado se falar em filosofias, pois a filosofia não se apresenta como um corpo de saber.

POR QUE A ESCOLHA PELA LITERATURA?

Evidenciada a importância da experiência leitora, como via de apreensão de conhecimento, cabe então, neste momento, discutir as maneiras pelas quais essa experiência pode ser desenvolvida em suas potencialidades no âmbito pedagógico, em especial no que tange ao ensino de filosofia.

Partindo da ideia de que a experiência leitora também pode ocasionar uma experiência estética e sensível, entendemos a relevância de um conhecimento provindo da percepção e sensibilidade, ou seja, um conhecimento que perpassa aspectos cognitivos.

Assim, colocamos esta questão como concernente ao nosso campo de investigação, ao passo que entendemos a experiência leitora como uma experiência de transformadora do leitor, dado seu caráter sensível e reflexivo.

Considerando que neste estudo não se pretende um maior aprofundamento na trajetória investigativa historiográfica da estética da recepção e em seu papel dentro dos estudos literários, nos deteremos a ter como referencial teórico apenas Hans Robert Jauss (1921-1997), que acreditamos ser o melhor a endossar nossa pesquisa, dado que o mesmo entende a recepção como uma práxis estética comunicativa, manifestada pela arte.

Jauss aponta que não há uma tradição de estudos sobre a experiência estética, embora essa questão já tenha sido levantada por Aristóteles em sua doutrina da catarse e até mesmo Kant, que em sua teoria estética funda o belo no consenso de juízo de reflexão, na obra "*Crítica da Faculdade do Juízo*", o autor realiza uma investigação crítica sobre nosso poder de julgar, especialmente no que se refere a uma estética, na qual debruça-se sobre a questão da apreciação e da criação do belo, e ainda, sobre nossa capacidade de produzir juízos em geral.

Deste modo, Jauss reforça o caráter comunicativo da apreensão estética, ao passo que percebe uma comunicação entre o texto e o leitor, na qual o "momento" do texto dialoga com o "momento" do leitor (estes momentos podem ser históricos, culturais, internos, etc.). Nesta relação, o universo literário e o mundo vivencial do leitor entram em contato, o texto se torna objeto passível de uma nova significação, ou seja, nesta atividade de *efeito* da obra e sua

recepção caracteriza-se uma comunicação transformadora tanto do texto quanto do leitor, conforme indica a citação abaixo.

Para análise e experiência do leitor ou da “sociedade de leitores” de um tempo histórico determinado, necessita-se diferenciar, colocar e estabelecer a comunicação entre os dois lados da relação texto e leitor. Ou seja, entre o *efeito*, como o momento condicionado pelo texto, e a recepção, como o momento condicionado pelo destinatário, Para a concretização do sentido como duplo horizonte – o interno ao literário, implicado pela obra, e o mundivivencial (*lebensweltlich*), trazido pelo leitor de uma determinada sociedade. Isto é necessário a fim de se discernir como a expectativa e a expectativa se encadeiam e para se saber se, nisso, se produz um momento de nova significação (JAUSS apud COSTA LIMA, 2002, p.73).

Assim, sobre a prática leitora de um objeto estético literário é possível dizer que, ao passo em que a obra for lida em outro contexto e tempo, diferente do autor, o texto estará passível de uma *poiesis* e *aisthesis*, visto que a obra se desdobrará em várias interpretações e percepções, assumindo então uma função comunicativa, independente do autor e não mediada pela *kathasis*.

Cabe ainda dizer que Jauss entende a recepção como uma atividade emancipadora, e nesse sentido aproximada ao pensamento filosófico. Segundo ele, a experiência estética é capaz de incitar questionamentos e transgressões do senso comum de modo quase irrefreável, ocasionando um processo reflexivo, conforme entendido na citação a seguir.

Essa rebeldia básica da experiência estética evidencia-se em segundo lugar, por sua permissão, muitas vezes reivindicada e dificilmente reprimível, de colocar perguntas indiscretas ou de sugerir veladamente pela ficção, onde um sistema de respostas obrigatórias e de indagações apenas toleradas consolidava e legitimava o predomínio de uma visão de mundo. Essa função transgressora de pergunta e resposta encontra-se nos caminhos clandestinos da literatura ficcional, assim como no caminho real dos processos literários: na recepção dos mitos, que – veja-se, por exemplo, na história de Anfitrião – deixa longe de si toda “superioridade original” e, enquanto veículo de emancipação, pode plenamente concorrer com o pensamento filosófico (JAUSS apud COSTA LIMA, 2002, p.82).

A citação acima, além de evidenciar uma práxis emancipadora, coloca a literatura ficcional como um meio para esse fim. Nesse sentido, sobre a importância da recepção dentro do contexto da aula de filosofia, assumida a importância da prática leitora como veículo motor

nas aulas, entendemos que a literatura ficcional pode ser um caminho a ser explorado dentro da prática do docente em filosofia.

A escolha pela literatura ficcional, como promotora de reflexão de natureza filosófica se justifica quando temos a experiência estética como uma *práxis* que promove reflexões, dada essa consciência de que a obra de arte não é um produto com uma finalidade objetivada, propondo um outro olhar sobre o papel da recepção e sua função; a importância do texto não advém de seu autor, mas sim do significado que é construído pelo leitor em contato com a obra.

Embora o conhecimento sensível esteja no campo da subjetividade e por vezes considerado de menor importância, este não deve ser ignorado dentro do processo formativo, principalmente quando entendemos que toda experiência é formativa.

No que diz respeito à prática leitora, é comum que o aluno, ao defrontar-se com uma obra ou texto, questione sobre a real necessidade dessa leitura e o seu significado, devendo o professor de filosofia se atentar ao que tipo de material selecionado para o desenvolvimento de suas aulas de modo significativo.

Quando pensamos nas modalidades textuais, se dispõe ao professor inúmeros materiais que podem ser utilizados com finalidade pedagógica, sejam esses textos, filosóficos ou não filosóficos, ambos têm potencial de promoverem uma reflexão de caráter filosófico.

Dentro da perspectiva abordada até o presente momento, na qual é entendida a prática leitora como uma experiência, que muitas vezes se dá pela via sensível, podemos identificar nos textos literários um potencial significativo para essa abordagem, o que justifica ou endossa nossa escolha neste estudo. Assim, a experiência com a literatura é aqui tomada por nós também como uma experiência com o conhecimento.

A seguir, apresentaremos o resultado de uma prática interdisciplinar entre filosofia e literatura que possui como pressuposto a construção de um conhecimento em filosofia de modo significativo, considerando a importância da experiência leitora nesse processo de aprendizagem.

UMA ATITUDE INTERDISCIPLINAR – FILOSOFIA E LITERATURA

Considerando minha vivência leitora e a sua importância para minha formação intelectual e humanística, elaborei um plano de trabalho que contemplasse a formação do aluno em seu caráter formal e cultural. Para tal, tomei como princípio uma atitude interdisciplinar, na qual são contemplados o universo literário e a filosofia clássica (tomando um cuidado para fazer recortes conceituais de cada filósofo escolhido para esta atividade).

Essa atitude interdisciplinar denota uma visão de ensino de filosofia que tende a interpretá-la enquanto uma atividade que deve propiciar uma formação cultural, no sentido de que o pensamento humano não está desvinculado de uma cultura e momento histórico, e que muitas vezes é manifesto por meio da arte (neste caso em especial pela estética literária).

Assim, foram selecionadas duas turmas de 1º ano do ensino médio para o desenvolvimento dessa prática. Vale ressaltar que os perfis das duas salas eram bem opostos, sendo que os alunos da turma *A* apresentavam sérios problemas de indisciplina e aproveitamento dos estudos em todas as disciplinas, enquanto que os alunos da turma *B* eram considerados os mais disciplinados e predispostos a realizarem as atividades propostas em sala. Tal perfil das salas foi concluído pelos próprios professores da unidade escolar onde o trabalho foi realizado.

Tanto a turma *A* quanto a turma *B* continham aproximadamente 40 alunos frequentes em cada sala, que em sua maioria eram oriundos da rede pública desde o ensino fundamental.

Apesar de não haver registros mais detalhados sobre o nível socioeconômico dos alunos das duas salas estudadas, podemos identificar que os mesmos pertenciam a classe B, dada a localização da escola, a proximidade da escola à casa dos estudantes e relatos informais por parte de professores da escola e grupo gestor.

DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR

A prática teve por objetivo geral introduzir os alunos no universo leitor por meio de contos, assim como também propiciar uma breve explanação de alguns dos principais

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

problemas filosóficos ao longo da história, por meio de uma pesquisa, aliada a leitura de contos.

Inicialmente foram selecionados dezessete contos e três obras clássicas, dos quais foi considerada a acessibilidade aos mesmos (a disponibilidade dos livros na biblioteca da escola e na internet) e o tema ou assunto tratado na obra, visto que esse deveria dar vazão a uma interpretação que exigisse um conhecimento próprio da filosofia, ou seja, um conceito filosófico.

Um outro item considerado na escolha dos títulos foram a sua linguagem e o grau de interesse que poderiam despertar em um adolescente, aluno de ensino médio da educação básica.

Abaixo seguem os contos e filósofos sugeridos:

<p><i>“O IMPORTADO VERMELHO DE NOÉ”</i> André Sant’anna Karl Marx</p>	<p><i>“A CAÇADA”</i> Lygia Fagundes Telles René Descartes</p>
<p><i>“ANGÚSTIA”</i> Anton Tchekhov Soren Kierkegaard</p>	<p><i>“PAI CONTRA MÃE”</i> Machado de Assis Jean Jacques Rousseau</p>
<p><i>“APOLOGO BRASILEIRO SEM VÉU DE ALEGORIA”</i> Antônio de Alcântara Machado Karl Marx</p>	<p><i>“UNS BRAÇOS”</i> Machado de Assis René Descartes</p>
<p><i>“AMOR”</i> Clarice Lispector Jean Paul Sartre</p>	<p><i>“EU SEI MAS NÃO DEVIÁ”</i> Marina Colasanti Jean Paul Sartre</p>
<p><i>“FELICIDADE CLANDESTINA”</i> Clarice Lispector Santo Agostinho</p>	<p><i>“PARA QUE NINGUÉM A QUISESSE”</i> Marina Colasanti Jean Jacques Rousseau</p>
<p><i>“O CORAÇÃO DELATOR”</i> Edgar Allan Poe Thomas Hobbes</p>	<p><i>“PERU DE NATAL”</i> Mario de Andrade Epicuro</p>
<p><i>“MEDÉIA”</i> Eurípedes Friedrich Nietzsche</p>	<p><i>“O PESCADOR E SUA ALMA”</i> Oscar Wilde Santo Agostinho</p>

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

<p>“A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA” Guimarães Rosa Santo Agostinho</p>	<p>“O BANQUETE” Platão Platão</p>
<p>“A MÁQUINA EXTRAVIADA” J.J Veiga Platão</p>	<p>“PASSEIO NOTURNO” Rubem Fonseca Thomas Hobbes</p>
<p>“NÓS MATAMOS O CÃO TINHOSO” Luis Bernardo Honwana Jean Jacques Rousseau</p>	<p>“ÉDIPO REI” Sófocles Sigmund Freud</p>

Após a seleção dos contos e obras, assim como os filósofos (que melhor contribuiriam para uma possível leitura da obra), os alunos foram separados em duplas e posteriormente foi realizado um sorteio, no qual se definiria qual texto e filósofo cada dupla deveria ler e pesquisar.

Dada a indicação de leitura e pesquisa, os alunos foram orientados de que apresentariam um seminário e entregar um relatório escrito, seguindo os seguintes princípios: Síntese da obra; Problema filosófico; e Considerações finais.

Na *síntese da obra*, era esperado que os alunos após leitura, relatassem os principais acontecimentos do conto, assim como também evidenciassem o tema ou assunto tratado no texto.

Essa etapa de identificação do assunto ou tema do conto propunha ao educando o entendimento e apropriação do objeto de estudo, a fim de que por meio da leitura o mesmo tivesse contato direto com o conto ou obra e assim se tornasse passível a uma experiência sensível e reflexiva por meio da leitura.

Sobre o *problema filosófico*, é exigida do aluno uma pesquisa para aquisição de um conhecimento filósofo, assim como também um exercício de análise e verificação de significado reflexivo do texto.

Foi indicado a cada dupla um conceito filosófico, de acordo com o texto sorteado, e esse serviria para fomentar a reflexão inicial trazida pelo texto indicado pelo professor, por exemplo:

“NÓS MATAMOS O CÃO TINHOSO” Luis Bernardo Honwana

O conto apresenta uma situação na qual um dos personagens é coagido pelos colegas a cometer o assassinato do cachorro

Filósofo indicado → Jean Jacques Rousseau

Conceito a ser pesquisado → A corrupção na natureza do homem

“O CORAÇÃO DELATOR” Edgar Allan Poe

O conto relata um assassinato, consumado pelo simples desejo de satisfação do assassino. Não há motivações que justifiquem o crime, a não se o fato de a vítima possuir um olho de vidro.

Filósofo indicado → Thomas Hobbes

Conceito a ser pesquisado → Uma natureza cruel e mesquinha do homem, que visa em primeiro grau a satisfação de desejos individuais em detrimento do bem coletivo.

“A MÁQUINA EXTRAVIADA” J.J Veiga

O conto retrata o aparecimento misterioso de uma máquina em uma pequena cidade. Sem o conhecimento exato da natureza do objeto, a não ser meras especulações com base na observação física do objeto. Sem maior conhecimento sobre a máquina ela torna-se objeto de culto pelos moradores da cidade. Ao fim do conto nota-se o medo na população em descobrir a natureza real da máquina e desmitificar suas ideias preconcebidas sobre a mesma.

Filósofo indicado → Platão

Conceito a ser pesquisado → O conhecimento sensível e o conhecimento inteligível

Assim, após a leitura do conto, apreendido um conceito filosófico, o aluno apropriando-se deste, elucidaria e interpretaria o conto de maneira reflexiva, estabelecendo as conexões que julgasse mais pertinentes de acordo com sua pesquisa.

Por fim, as *considerações finais*: dessas, não era esperada uma conclusão ou resgate do que foi apresentado anteriormente, mas sim, propiciar um momento de reflexão da dupla sobre o desenvolvimento desta atividade, ou seja, o aluno deveria apresentar o que foi positivo e negativo ao longo desta prática de leitura e pesquisa, num processo de auto-avaliação do processo de estudo.

Acreditamos que as *considerações finais*, tomadas sob essa perspectiva, se fazem importantes por instigar o aluno a refletir sobre o seu processo de aprendizagem, visando o desenvolvimento da autonomia e consciência do aluno.

Conforme já dito anteriormente, essa prática conta com a leitura da obra e uma pesquisa de um conceito filosófico, as quais os alunos deverão relacioná-las, realizando uma leitura reflexiva.

Nesta metodologia pretendia-se que a partir da leitura e escrita do resumo da obra indicada, o aluno identificasse os principais acontecimentos da obra, assim como também, uma apropriação de alguns elementos que deverão dialogar com o conceito do filósofo que foi sugerido a ser pesquisado, induzindo e estimulando no aluno uma postura autônoma e crítica.

CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA

É importante retomar aqui que, além do relatório escrito, era necessária uma apresentação oral desta pesquisa, o que sem sombra de dúvida, exigia do aluno uma disposição à leitura e apresentação oral, o que logo de início assustou a maior parte da turma, tendo em vista que essa prática não era muito comum naquele contexto escolar.

Assim, a fim de acalmar os alunos a respeito da apresentação oral, foi apresentado pelo professor um seminário, no qual os alunos puderam ter um modelo de apresentação, e esse seguiu a mesma estrutura do relatório escrito, sendo apresentado: primeiro a síntese da obra, o problema filosófico e por fim as considerações finais. Para cada tópico, foi destinado o tempo de cinco minutos, totalizando quinze minutos de apresentação. Esta marcação tinha como objetivo trazer uma noção de organização do tempo de apresentação que cada dupla deveria possuir.

Ao final das orientações estruturais do seminário, os alunos deveriam considerar o tempo de quinze minutos para cada apresentação, contemplando dentro deste, a síntese da obra, o problema filosófico e as considerações finais, assim como também, a entrega do relatório; cada dupla recebeu do professor orientações individuais sobre o filósofo que deveria ser pesquisado e o conceito que contribuiria para a interpretação do texto.

É importante mencionar que esta atividade foi apresentada aos alunos ao final do segundo bimestre, antecedendo o período de recesso escolar, período esse em que os alunos

poderiam providenciar a leitura do texto e pesquisa, pois as apresentações só teriam início após o retorno do recesso, totalizando o período de 30 dias para a realização da atividade.

Ao longo do recesso escolar os alunos poderiam entrar em contato com o professor por meio de rede social, caso tivesse alguma dúvida sobre o tema, o conceito filosófico e até mesmo dificuldades em encontrar o conto ou o material de pesquisa.

Antes do início das apresentações foram destinadas duas aulas apenas para orientação de pesquisa. Essa orientação teve como objetivo esclarecer possíveis dúvidas ou até mesmo auxiliar e nortear alguns alunos que eventualmente tiveram mais dificuldade na realização da atividade, seja no que se refere à leitura do conto, seja na identificação do conceito formulado pelo filósofo indicado.

Foram realizadas duas apresentações por aula, com duração de quinze minutos, concedendo ao professor dez minutos, que ao fim da apresentação, tecia considerações, esclarecimentos e formulava questões às duplas.

Com isso, as apresentações de seminário se seguiram ao longo de aproximadamente um mês e meio. Totalizou-se então, 18 apresentações no 1ºA, com 90% de engajamento dos alunos e 15 apresentações no 1ºB, sendo possível constatar, 75% de envolvimento na realização da atividade proposta.

Acreditamos que a grande adesão dos alunos na realização desta atividade se deveu pelo caráter desafiador que a mesma lhes propunha. Muitos alunos que não tinham aproveitado o período do recesso escolar para elaborar sua apresentação se sentiram motivados a realizá-la por observar a apresentação dos colegas.

Foi percebido que ao longo das apresentações os alunos ficavam ansiosos em ter o seu momento de apresentação, para poder contar sobre a sua leitura e interpretação da mesma.

RESULTADOS

Os resultados obtidos com esse estudo foram analisados a partir do registro que os alunos realizaram em suas considerações finais, visto que as mesmas tinham por objetivo

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

promover uma autorreflexão sobre o processo de estudo e pesquisa realizado para a apresentação do trabalho.

Inicialmente foi percebido que a prática de apresentação oral, não é algo muito estimulado neste contexto escolar, o que gerou insegurança e medo nos alunos, tendo em vista que essa era uma prática “nova”.

No começo do trabalho nós achamos que seria muito difícil, mas com o decorrer dos dias percebemos que era muito mais fácil. Em nossa opinião, a palavra seminário foi o que nos assustou, por ser uma palavra usada nas faculdades, achamos que teríamos muito trabalho (...) Todavia foi muito interessante fazer a pesquisa, ter conhecimento de um conto e um autor estrangeiro. Não sabemos como vai ser a apresentação, mas vamos procurar nos esforçar para que dê tudo certo - **Luana e Júlia (Nós matamos o cão tihoso - Luis Bernardo Honwana – Jean Jacques Rousseau).**

Contudo, a maior parte dos alunos demonstrou, por meio de seus relatórios, uma grande satisfação em ter tido contato com os contos, esses, dos mais variados temas.

Consideramos este trabalho um dos mais legais, pois se trata da realidade do mundo contemporâneo. No começo, tivemos a impressão de que seria desgastante e trabalhoso, por não estar acostumada a fazer trabalhos de tal forma. Mas ao decorrer do trabalho, das pesquisas, nos identificamos com tudo isso, porque faz parte realmente do nosso cotidiano, da nossa vida. E acabou que saiu bons resultados! Conseguimos sim, tirar toda a essência do texto e contexto filosófico, aproveitando assim o melhor do trabalho. Divertimo-nos bastante, porque vimos que não foi um trabalho desgastante, muito pelo contrário, ganhamos bons conhecimentos com ele, pois o assunto é bem importante, até para conseguirmos compreender melhor algumas coisas que acontecem no nosso cotidiano - **Bianca e Leticia (Eu sei, mas não devia - Marina Colassanti – Jean Paul Sartre).**

Estabelecer uma relação entre o conto e o conceito filosófico sugerido, certamente foi um desafio, que superado, gerou uma grande satisfação nos alunos. Naturalmente, alguns apresentaram maior dificuldade em realizar essa etapa do trabalho. Contudo, foi percebido um grande empenho por parte dos mesmos, em realizar o trabalho de maneira satisfatória.

Esta atividade exigiu dos alunos não só a leitura, mas o entendimento do que estava sendo lido, o que repercutiu de maneira satisfatória a um incentivo a leitura e interpretação de

textos. Nesse sentido, alguns alunos queixaram-se por ter tido que ler a obra mais de uma vez, buscando um sentido no texto e a possível relação com o conceito filosófico.

A concepção da pesquisa foi bastante trabalhosa, pois toda a pesquisa e a leitura do texto levaram um tempo um pouco mais prolongado do que o esperado. Mas a experiência foi bastante interessante, principalmente por ser a primeira vez que trabalhamos com uma filosofia diferente do que estamos acostumados a ler ou pesquisar. Normalmente iríamos dizer que um trabalho desse gênero seria impossível de fazer, mas após a apresentação e explicação do professor o olhar crítico e o entendimento se abriram rapidamente, então botamos a mão na massa esperando que fizéssemos o melhor possível - **Giovanna e Laura (O importado vermelho de Noé – André Sant’Anna – Karl Marx).**

Ao longo das apresentações, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer alguns dos principais filósofos ao longo da história da filosofia. O que contribuiu para uma melhor compreensão dos principais problemas filosóficos, cada qual, pertencente a um momento histórico.

É importante ressaltar que é comum nas aulas de filosofia nos 1º anos um enfoque maior em filosofia antiga, apresentando as condições históricas do surgimento da filosofia, assim como também, os principais filósofos da antiguidade ao longo do ano letivo. Embora apresentado aos alunos, no 1º bimestre, questões elementares da filosofia, como seu surgimento, sua importância e os primeiros filósofos, é possível dizer que a atividade desenvolvida nessas turmas, contribuiu para demonstrar aos alunos o quão amplo é o campo de discussão filosófica, já indicando então, autores que eles se depararão ao longo do ensino médio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que persistam práticas educacionais voltadas à especialização e superespecialização do conhecimento, panorama no qual a disciplina de filosofia está inserida e atuante, a interdisciplinaridade se coloca como elemento importante a ser contemplado, visto ansiar uma transposição de uma concepção fragmentada para uma concepção unitária do conhecimento.

A interdisciplinaridade suscita uma forma de produção do conhecimento que implica em uma troca de teorias e metodologias, cabendo a filosofia no tratamento de seus conceitos, teorias e reflexões trazer à tona a compreensão de que mesmo o conhecimento específico da filosofia se faz no processo relacional-dialético com outros saberes.

Por fim, sobre a proposta curricular interdisciplinar é notório que esta se apresenta como uma urgência ao ensino de filosofia. Contudo, não devemos atribuir à filosofia ou a qualquer outra disciplina curricular, a responsabilidade da restauração de um conhecimento unificado que não existe mais. É necessário que a escola adote um projeto curricular participativo, com visão não fragmentada e ampla troca de conhecimento, para que a interdisciplinaridade deixe de ser uma prática isolada e faça parte do projeto político pedagógico da escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução: João Wanderley Gerald. Revista Brasileira de Educação. n.19, jan./abr., 2002, p. 20-28.

_____. In: Experiência e alteridade em educação. Reflexão e Ação, v.19, n.2, p.4-27, 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CEB/CNE nº. 03/98. institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino médio (DCNEM). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb03_98.pdf Acesso em: 05 de Janeiro de 2015.

BRASIL. Lei nº. 9.394. Estabelece as diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, ano CXXXIV, n. 248,23/12/1996.

BRASIL.MEC. Orientações curriculares para o ensino médio: ciências humanas e suas tecnologias (vol. 3). Brasília: MEC/SEB, 2006.

FAVARETTO, Celso. Filosofia, ensino e cultura. In: KOHAN, Walter O. Filosofia: caminhos para seu Ensino. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2008.

FAVARETTO, Celso, Notas sobre o Ensino de Filosofia. In: ARANTES, Paulo et al. A Filosofia e seu Ensino. Petrópolis: Vozes-Educ, 1995.



____ In: “Núcleo Temático: Filosofia do Ensino de Filosofia – 1ª Etapa”, UFSCar; 28-02 a 11-03, 2014.

JAUSS, ISER, STIERLE, GUMBRECHT, WEINRICH; COSTA LIMA, Luiz (Org. e Trad.). A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio – Parte IV – Ciências Humanas e suas tecnologias, Brasília, 1999. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf> Acesso em: 05 de Janeiro de 2015.

SILVA, Flanklin Leopoldo e. Por que filosofia no segundo grau. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141992000100010> Acesso em: 14 de Setembro de 2014.

ZILBERMAN, Regina. Recepção e leitura no horizonte da literatura. In: Alea: Estudos Neolatinos. vol.10, n. 1, Rio de Janeiro, Jan./Jun. 2008. ISSN 1517-106X. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-06X2008000100006&script=sci_arttext Acesso em: 21 fev. 2015.